

JOSÉ CARDOSO PIRES JÁ ENTREGOU «ALEXANDRA ALPHA» «A melhor escrita é extremamente clara»

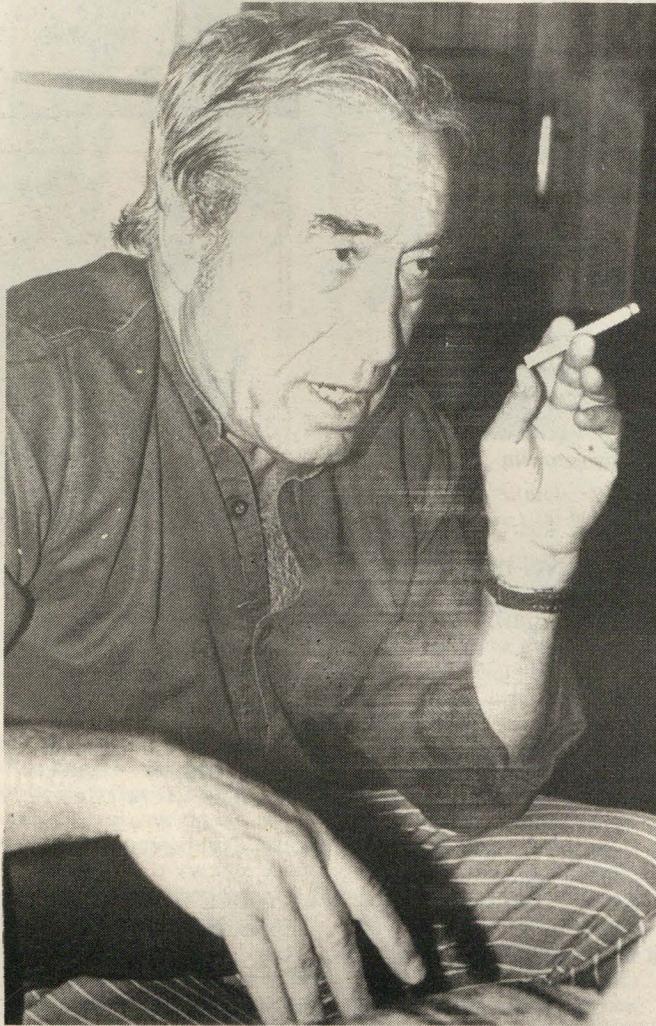
José Cardoso Pires concluiu «Alexandra Alpha», o seu primeiro romance cuja acção se prolonga para depois do 25 de Abril de 1974, e cuja personagem principal é uma falsa mãe solteira. O livro sai no Outono, juntamente com a edição espanhola. Entretanto, o escritor faz, connosco, o balanço do seu trabalho de décadas.

José Cardoso Pires nasceu em 1925. Frequentou a Faculdade de Ciências de Lisboa. Durante esse período colaborou com Luís Pacheco e Jaime Salazar Sampaio na página universitária do jornal «O Globo» e publicou regularmente comentários literários na revista «Afinidades» do Instituto Francês. Em 1946, Luís Pacheco edita «Bloco», uma antologia de jovens escritores onde aparece «Salão de Vintém», o primeiro conto publicado do autor. Hoje, José Cardoso Pires é o escritor de grandes prestígio que todos conhecemos. O seu último romance, «Alexandra Alpha», já está entregue na Dom Quixote, sua actual editora.

— Penso que a sua obra se estende ao longo de três fases. Uma primeira, que é o conto e que termina com o «Anjo Anco-rado». Uma segunda que culmina com o «Delfim» e uma terceira que se estende até hoje. O que tem a dizer a este respeito, quais as suas influências e como se situa no campo da literatura portuguesa?

— Não sei se há três fases. Há uma que é o conto. Eu parto do conto para o romance. Depois não sei se há fases. O que considero mais frustrante num ficcionista é, por um lado, quando escreve, sentir que já leu aquilo em algum lado, e verificar que foi nele próprio, e por outro lado, estabelecer leituras a posteriori. Isso compete aos críticos e leitores, uma vez que o escritor só lê verdadeiramente o seu livro enquanto o escreve. Isto no que se refere a especulações a posteriori. Ao fim e ao cabo, um bom livro só o é, quando tem várias leituras. Neste aspecto, é que me distancio muito do lugar-comum, muitas vezes assinalado pelos críticos, à ambiguidade da escrita. As escritas mais ricas são as que proporcionam mais leituras. No fundo, são as mais directas. Muitas vezes o discurso novelístico mais rico e portanto com maior diversidade de leitu-

ras, é transmitido por uma escrita extremamente clara e não ambígua. É o caso de Malcom Lowry e Thomas Mann. No que respeita às fases, as coisas são por vezes mais simples do que parecem. Eu pertencço a uma geração que deu muito poucos novelistas, e é uma geração que reage a dois tempos: em primeiro lugar ao modernismo provinciano, como por exemplo, Gaspar Simões, e com algum Régio no tocante ao teatro. E a outra reacção foi contra o neo-realismo, na sua expressão romântica, idealista e comovidamente folclórica. Deste tempo neo-realista excludo vários escritores, acima de todos Carlos de Oliveira e o romance «Barranco de Cegos», de Alves Redol. Isto quer dizer que houve uma reacção temperamental e pessoal porque estávamos cheios de cultura francesa, mas, no meu caso, o que mais me perturbava na novelística portuguesa era o abuso, a obsessão e a limitação do discurso indirecto. Esse discurso era dominado por algo que nele ainda hoje tem uma grande preponderância, e que é aquilo a que chamo a «sintaxe rural»; mesmo quando o Torga ou o Aquilino escrevem romances sobre a cidade, são tão rurais quanto os de Camilo ao falar de Lisboa. Estas limitações prolongam-se até aos anos 50 e os sinais de libertação, mais imediatos, foram o Almada e o Movimento Surrealista de Lisboa. Continuo a dizer que o Carlos de Oliveira, que vem dos nossos prosadores de Coimbra, é um caso excepcional porque cria uma linguagem muito própria e despida dos atavismos e



Fotos de ALBÉRICO ALVES

«A literatura está dramaticamente dependente do mercado cultural»

dos ornatos rurais. Quanto a mim, nem Teixeira Gomes nem Aquilino me influenciaram, mas quando dizem que nasci sob a influência do Hemingway, é verdade. Sempre tive uma afeição declarada pela literatura anglo-saxónica. Portanto tenho admiração pela literatura e arte americanas, mas ainda assim não deixo de lembrar que há muito pouco tempo um actor, Harrison Ford, disse textualmente: «Vocês, europeus, estão completamente obcecados pelos Estados Unidos. Adoram os filmes que batem recordes de bilheteira e preocupam-se muito pouco com o que eles são.» Admiro imenso uma Marguerite

Duras, um Malraux ou um Stendhal, mas não tenho paciência para um Robegriplet.

Na literatura portuguesa não tenho a paixão obrigatória pelo Eça, mas reconheço que Raul Brandão se esforçou para libertar a nossa escrita de um certo provincianismo, sem recorrer a outro cosmopolitismo que, como disse o Almada (que para mim é mais importante como escritor do que como pintor, é a forma mais provinciana de estar na literatura.

— Como vê hoje a situação dos jovens escritores face ao mundo editorial?

— A literatura está inserida no mercado cultural e isto é uma situação extremamente delicada de abordar. As pressões censórias deste mercado são enormes e fazem-se pela subversão dos valores profundamente nacionais. Penso que um dos maiores inimigos dos jovens escritores é o disco. Assiste-se por exemplo, na TV, à massificação bestial do clip numa absorção majestática de tempo de antena pela música

■ **Nasci sob a influência de Hemingway. Sempre tive uma afeição pela literatura anglo-saxónica. Portanto tenho admiração pela literatura e a arte americanas.**

ligeira de maior banalização intelectual. É uma massificação economicamente manipuladora. A literatura está dramaticamente dependente do mercado cultural.

— Quando escreveu a «Cartilha do Marialva», em 1960, pretendia desmontar os circuitos psicossociais do machismo português, que têm subjacentes o delineamento do lugar da mãe, da amante e do amigo, ou foi um pretexto para abordar as realidades dum certo espaço cultural português?

— Nesse sentido há um livro fundamental, «La Mère Méditerranée», de Dominique Fernandez. Mas o que eu pretendi com a obra foi dar uma oposição de dois tipos de cultura: a citadina e a rural, pois considerava que a realidade do comportamento machista ou marialva é uma componente secundária, mas directa, do comportamento cultural das sociedades dominadas por uma ideologia rural.

Foi um tema muito abordado na sociologia dos fins do século passado e do princípio deste século face ao choque da sociedade industrial. Mas, no caso português, este tipo de abordagem torna-se novamente actual. Somos um País historicamente mentido, que se afirma agrícola e, no entanto, importa mais de 50% da agricultura de que necessita para comer. Temos declaradamente um problema de confronto entre a cidade e o campo, entre o interior e o litoral com os clássicos mitos camponeses que dominaram desde o romantismo, sobretudo, até à nova literatura. Daí a actualidade do trabalho. O facto desse confronto reaparecer é importante; só desaparecerá com a industrialização da agricultura e a intercomunicação dos espaços culturais. É evidente que o marialvismo põe em causa os

medievalismos contemporâneos em que a realidade agrária ainda está assente em Portugal. Põe isso em causa, põe o autoritarismo, põe o conceito de mulher, põe afinal em questão tudo o que um passado fanático e anticultural nos deixou.

— «O Delfim» representa um grande salto no percurso da sua obra. Como o caracteriza literariamente em relação a livros anteriores?

— Acho que o percurso de um romancista é feito por saltos e sobreposições da sua experiência literária. Quando escrevi o «Hóspede de Job» pretendi, entre outras coisas, abordar uma situação camponesa numa linguagem despida de qualquer modernismo ou de metáforas rurais que embeveciam, seduziam e predominavam na nossa literatura. Preferi, às locuções, imagens e coloridos tradicionais, para que o leitor sentisse uma outra realidade, para que apanhasse mais o andamento e até a sintaxe do discurso do que propriamente a sua apropriação verbal. Enveredei por um terreno que não era o meu, não sou um «homem do campo», mas procurei uma instrumentalização dos códigos citadinos na descrição da paisagem rural. O «Hóspede de Job» pretende ser uma narrativa substantiva, enquanto o «Delfim» aparece já com uma carga metafórica muito intencional, onde se assiste a uma desenvoltura narrativa ao nível da textura verbal. É onde o movimento entre a alegoria e o realismo obtém o seu auge.

— Que consequências lhe parece que as mudanças operadas com o 25 de Abril de 1974 introduzem no escritor e no seu relacionamento com a escrita?

— O 25 de Abril de 1974 mudou a disponibilidade e responsabilidade, sem sofismas à

■ **O escritor só lê verdadeiramente o seu livro enquanto o escreve. Um bom livro só o é quando tem várias leituras. O discurso novelístico mais rico é transmitido por uma escrita extremamente clara, e não ambígua.**

■ **O marialvismo põe em causa os medievalismos contemporâneos em que a realidade agrária ainda está assente, em Portugal, bem como tudo o que nos foi deixado por um passado fanático e anticultural.**

Não aceite alternativas!

durex a única marca com controle de qualidade certificada pelo

BRITISH STANDARDS INSTITUTE

GOSSAMER • EXTRA SAFE • FERTHERLITE
ELITE • BLACK SHADOW • FIESTA • AROUSER



durex®

uma ideia a dois

Para maior segurança

Todas as embalagens **durex** mencionam o seu prazo de validade*

* O prazo de validade de um preservativo não poderá exceder 5 anos, de acordo com as normas do BRITISH STANDARDS INSTITUTE.

Não Transija!



«As sociedades fechadas ou dominadas pela censura provocavam uma conveniente nebulosidade»

qualidade do escritor. No meu caso, a democracia não permite álbis nem fugas à irresponsabilidade ou à qualidade da obra de um escritor, enquanto as sociedades fechadas ou dominadas pela censura provocavam uma conveniente nebulosidade em termos do binómio intenção-realização da obra literária.

— *Quais são as grandes preocupações que movem o seu projecto de escrita?*

— O que me preocupou sempre e ainda me preocupa, sobretudo depois do «Delfim», é discutir a nossa identificação no Portugal que nos rodeia. É fácil dizer que a literatura procura sondar o Amor e a Morte, mas o que é fundamental é a busca da identidade do País que é o meu, e isto está no «Anjo Ancorado» e muito mais no «Delfim». Vem

■ **Preocupa-me discutir a nossa identificação no Portugal que nos rodeia. É fundamental a busca de identidade do País que é o meu.**

daí o lugar-comum de dizer que o autor escreve sempre o mesmo livro, porque ele procura um estado de perfeição e toda a sua obra é uma constante demanda da sua identificação com a realidade que o circunda.

— *Como se intitula o seu novo romance e em que zonas político-sociais o situa?*

— O meu novo romance intitula-se «Alexandra Alpha», e é a primeira ficção que escrevo, que se estende para cá do 25 de Abril, onde há uma personagem que é

uma falsa mãe solteira. Eu detesto falar de um livro enquanto não está na mão do leitor. Pela minha parte, há uma enorme diversidade de cargas intencionais subjacentes à escrita, que um autor só pode avaliar na sua validade concreta através das leituras que o livro percorre em público. «Explicar», de antemão, propósitos, desejos ou intenções de um livro antes de ser publicado, afigura-se-me uma espécie de pressão sobre quem o lê depois.

Luís Figueiredo Tomé

A conferência de Agustina

«Uma sociedade dissociada da culpa e da compaixão tem poucas probabilidades de sobreviver»: são palavras de Agustina Bessa Luís, proferidas esta semana no Instituto Franco-Português, em mais uma conferência promovida pela Fundação Século XXI, a que preside o prof. Diogo Freitas do Amaral.

Agustina desejou que sejas capazes de evitar o vácuo emocional, apesar da confiança feita ao desenvolvimento tecnológico, e de não termos conseguido impedir o «vácuo religioso».

«O homem de coração e de recursos inventivos tem vergonha de participar no campo da política que, de resto, tem sido ocupado quase unicamente por elementos obtusos e insatisfatórios», disse, ainda, a escritora.

EV



A SEMANA LIVREIRA

Índice semanal dos livros mais vendidos

FICÇÃO

Até ao fim, Vergílio Ferreira

A corte do norte, Agustina Bessa-Luís

Hiroxima meu amor, Marguerite Duras

O sr. Custódio, Raul Brandão

Poemas, Luís Miguel Nava

NÃO FICÇÃO

O cérebro de broca, C. Sagan

O Contacto, C. Sagan

Guia anual da bolsa (vários autores)

Café 25 de Abril, Álvaro Guerra

A causa das coisas, Miguel Esteves Cardoso

■ Para a elaboração desta lista dos livros mais vendidos, desde sábado passado até hoje, foram consultadas as seguintes livrarias: Ática, Bertrand, Castil, Lácio, Féris, Galileu, Sá da Costa (Lisboa), Leitura (Porto), Almedina (Coimbra) e Bertrand (Faro).



AV. DA REPÚBLICA, 14
Telef. 53 37 33

CURSOS DE FÉRIAS

JULHO - AGOSTO - SETEMBRO

Inglês • Francês • Alemão

SEMPRE COM PROFESSORES DA NACIONALIDADE

UM INSTITUTO PORTUGUÊS DE PRESTÍGIO INTERNACIONAL

Verão 87



EXCURSÕES

desde 1840
abreu



grat. AA 5/87

(voos fretados)

LONDRES
todo o ano: 1 semana
Julho a Outubro
Fim-de-semana, mini-semana
Londres e Escócia 8 ou 11 dias
todo o ano
Inglatera e Irlanda 11 dias
Julho a Setembro

Praias - 8 ou 15 dias
PALMA DE MAIORCA ★
IBIZA ★ **ILHAS CANÁRIAS**
Julho a Setembro
(todas as semanas)

SUÍÇA E ÁUSTRIA
SUÍÇA, ITÁLIA E ÁUSTRIA
SUÍÇA E ALEMANHA
ROMÂNICA
SUÍÇA, ÁUSTRIA
E JUGOSLÁVIA
CAPITAIS DA
EUROPA CENTRAL
Aos domingos
de Julho a Setembro
- 8 dias

Circuito dos Três Alpes 14 dias
29 Junho e 20 Setembro
Panorama Europeu 12 dias
Maravilhas da Europa 12 dias
1 Julho e 20 Setembro

(voos regulares)

PARIS todo o ano
1 semana ou fim-de-semana
AMSTERDAM
AMSTERDAM E LONDRES
1 semana
UNIÃO SOVIÉTICA 10 dias
até Outubro

Praias da:
JUGOSLÁVIA ★ **ROMÊNIA**
★ **TUNÍSIA**
1 ou 2 semanas

ROMA
1 semana e fim-de-semana
ATENAS 8 dias
ATENAS com Cruzeiro às
Ilhas Gregas e Turquia 8 dias
GRÉCIA E TURQUIA 8 dias
ROMA E ATENAS 8 dias
ROMA, ATENAS E
ISTAMBUL 11 dias

ÁUSTRIA, HUNGRIA,
POLÓNIA E
CHECOSLOVÁQUIA
10 dias

MADEIRA 1 semana

AÇORES até Outubro
• **S. Miguel** 8 dias
• **Circuito Açoreano** 8 dias
• **Grande Circuito das Ilhas**
10 dias
• **Açores e Madeira** 8 dias

MARROCOS (aos domingos)
Cidades Marroquinas - 12 dias
Agadir - 8 dias
Tânger - 5 dias

TERRA SANTA 8 dias
TERRA SANTA E EGÍPTO
10 dias

EGÍPTO
Com maravilhoso cruzeiro
no Nilo 10 dias

CIRCUITO
DIAMANTE AZUL 15 dias

SENEGAL e GÂMBIA 12 dias

QUÊNIA E SEYCHELLES
12 dias

CUBA 12 dias

MARAVILHAS DO BRASIL
14 dias

MÉXICO 11 dias

NOVA IORQUE 9 dias

NOVA IORQUE, ORLANDO
E MIAMI 15 dias

ESTADOS UNIDOS
E CANADÁ 15 dias

CHINA FASCINANTE
17 dias

TRIÂNGULO ORIENTAL
15 dias

ROTAS DO ORIENTE 16 dias

SONHO DO JAPÃO 18 dias

ÍNDIA, NEPAL E
TAILÂNDIA - 16 dias
Opcionais: Goa e Bombaim
Benares e Cachemira

EM AVIÃO E AUTOPULLMAN

GRANDE CIRCUITO ITALIANO
todos os domingos
de Junho a Outubro

Circuito da Sicília 8 dias
Grande Circuito da Itália,
Grécia e Turquia 15 dias

BENELUX, PARIS E VALE
DO RENO 8 dias
sábados (Julho a Set.)

MARROCOS: Circuito
das Cidades Imperiais 8 dias

TRIÂNGULO TURÍSTICO
ESCANDINAVO 8 dias
FIORDES DA NORUEGA
13 dias
aos domingos - até Setembro

ATENAS
Com Circuito Clássico 8 dias
CIRCUITO DA TURQUIA
9 dias

CIRCUITO DA ROMÊNIA
E BULGÁRIA 7 dias (até Out.)

CIRCUITO
DA COSTA ADRIÁTICA
8 dias (até Setembro)

AUTOPULLMAN

8 ou 15 dias
BENIDORM 9 ou 16 dias
COSTA DEL SOL
Todas as semanas
de Julho a Setembro

Partidas frequentes
até Setembro:
MARROCOS IMPERIAL
10 dias
ESPAÑA, ANDORRA
E LOURDES 9 dias
ESPAÑA E FRANÇA
15 dias
ITÁLIA (Roma e Assis)
17 dias
ATRAVÉS DA EUROPA
22 dias
CONVITE EUROPEU 22 dias

EXTERNATO ALMADA NEGREIROS

ENSINO LICEAL

AV. PRAIA DA VITÓRIA, 48 (PRAÇA SALDANHA)

TELEFONES 53 83 08 - 53 83 49

DIURNO - NOCTURNO



ALVARA N.º 35 - OPERADOR TURÍSTICO

PORTO Avenida dos Aliados, 207 - Tel. 32 45 24
LISBOA Avenida da Liberdade, 160 - Tel. 37 13 41
ALMADA • AVEIRO • BRAGA • CASCAIS • COIMBRA • FARO
FUNCHAL • GUIMARÃES • LEIRIA • PORTIMÃO • VISEU